

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FAMÍLIA E ESCOLA, DIFERENTES TRAJETOS E UM MESMO CAMINHO

Larissa Mendes Monteiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – lmendes.monteiro@gmail.com

INTRODUÇÃO

É de suma importância discutir a leitura e escrita na educação infantil. Nos dias atuais, as demandas da modernidade cobram mais e mais de conhecimento da língua escrita. Entretanto, o conhecimento a ser aplicado deve ser apropriado pelas crianças como algo que possui valor de utilidade. Dessa forma, as letras aprendidas e as combinações entre elas não devem gerar um saber mecânico que se volta a memorização de sons. O que deve ser objetivado é uma apropriação do código escrito que se inicia no letramento, levando o mundo de sala de aula para fora dela e vice-versa, onde as letras, palavras e sons conhecidos assumam um valor social e uma função útil para aquelas crianças, cujo o saber possa se tornar prático, despertando assim o desejo das próprias crianças em conhecerem mais.

Em consonância a esse trabalho, a presença da família em parceria com a escola é fundamental. Primeiro porque o ambiente familiar abriga um dos universos da vida daquela criança, sendo assim, muito do que ali se experencia deve ser trabalhado de forma que o conhecimento sobre o ambiente em que vive se expanda. Além disso, a família precisa inteirar-se das propostas que essa educação infantil possui, já que a maioria deve ter vivenciado em sua infância um ensino mais tradicional em que a alfabetização se iniciava por “ba-be-bi-bo-bu” e seguia-se por pontilhamento de letras e palavras.

Nesse sentido, como apontado por Paulo Freire: “Não basta saber ler mecanicamente que ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho”¹.

METODOLOGIA

¹ Parte final da fala de Paulo Freire, no simpósio Internacional para a Alfabetização, em Persépolis, Irã, em setembro de 1975.



De acordo com a psicogênese da língua escrita, teoria de Emília Ferreiro sobre o processo de construção mental da escrita, construir a escrita não se finaliza na discriminação de grafemas mas sim “promover a integração do indivíduo às diversas práticas sociais de escrita” (GODOY e SENNA, 2011, p. 215). Enfatiza o caráter desenvolvimentista do processo de construção da escrita, que se opõe ao adestramento de indivíduos que irão apenas ler sem realmente compreender e interagir com o texto lido. O conhecimento desenvolvido com a escrita deve proporcionar também a possibilidade em “empregá-lo na produção e na leitura de textos escritos que atenda aos princípios de uso variáveis conforme cada um dos tipos de gêneros empregados em casa sociedade” (GODOY e SENNA, 2011, p.211).

A criança precisa: entender a função da língua escrita, entender para que se lê e para que se escreve, entender que se queremos lembrar algo podemos escrever, e que assim será mais fácil recordar, entender que lendo obtemos informações que não tínhamos antes de ler, etc.

Desde a educação infantil a escrita deve ser contextualizada com a prática social. Muitas das vezes, ela é o primeiro espaço público experimentado pelas crianças fora da família, assumindo a responsabilidade de conduzir as crianças mesmo em tenra infância ao exercício da cidadania, e a escrita também garante isso, propondo uma interação entre a criança e essa dimensão de conhecimento.

Nessa perspectiva, Soares (2001) aponta que:

"a função da escola, na área de linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, explorando tanto a língua oral quanto a escrita como forma de interlocução, quem fala ou escreve é um sujeito que em determinado contexto social e histórico, em determinada situação pragmática, interage com um locutor, também um sujeito, e o faz levado por um objetivo, um desejo, uma necessidade de interação".
(SOARES, 2001, p. 13-60)



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da metodologia proposta, o que se busca é uma interação entre família e escola, uma interação em vários níveis. É preciso que haja uma troca significativa entre os diferentes ambientes que constituem as vivências das crianças. No âmbito da leitura e escrita, o que será que essas famílias leem? E qual será a relação das crianças com essa leitura? Assim como as experiências da educação infantil não se encerram na escola, as experiências familiares não devem ser esgotadas em casa, dessa forma, é preciso ter conhecimento do que abrange essa vivência familiar nesse âmbito, e possibilitar que as crianças percebam a conexão entre esses diversos ambientes. Ao se reconhecerem em um mundo rico em palavras que sempre tem algo a dizer, as crianças vão interiorizando esses saberes e atribuindo-lhes sentido.

Quando há a circulação da leitura e escrita na escola e na família começa a ser gerado o desejo nas crianças de se apropriarem desse código e conseqüentemente serem alfabetizadas. O que a educação infantil propõe, então, não é um treinamento para a alfabetização, e sim oferecer um convite a todas as crianças a se apaixonarem por esse mundo letrado, reconhecendo-se como seres que o constituem.

Entretanto, como atrair a família para essa leitura e escrita? Da mesma forma que a equipe pedagógica precisa conhecer mais o ambiente familiar dos alunos, a família precisa entender em que se baseia o trabalho desenvolvido com sua criança no momento que está na escola. Muitos pais cobram por folhinhas e cadernos preenchidos, no entanto, não é nessa formalização mecânica que se baseia a proposta da educação infantil. O lúdico e a expressão criativa da criança são norteadores desse processo e muita das vezes isso é desconhecido pelos pais. Cada família carrega consigo lembranças de uma educação e uma escola, provavelmente tradicionais, e reconhecem em sua vida adulta a importância e necessidade de ser alfabetizado, e muita das vezes é apenas isso que objetivam. Querem ver um resultado, não importa a significância que aquele conhecimento gere ou não na criança, dispensando a importância de sua trajetória até concretizar-se. Muitos pais cobram a mesma alfabetização que tiveram por ignorância, não são instruídos a caminharem juntos com a escola nesse processo de incentivo à leitura e escrita a partir do letramento, já que muitos desconhecem essa nova proposta para educação infantil.



CONCLUSÃO

Diante das discussões aqui levantadas, percebe-se como os caminhos que trilham a família e a escola se completam e devem se unir por mais que seus trajetos se deem de formas e ambientes diferentes. Cada uma, em seu âmbito de vivência, contribui para a constituição da criança como ser sujeito leitor e escritor. Entretanto, seus desconhecimentos sobre a outra parte dificulta uma expansão das ações motivadoras desse processo, separando os objetivos em dois ambientes que podem se ajudar. O que foi proposto aqui é o reconhecimento da vitalidade dessa união que foca em saberes que permitem uma interação entre o mundo e a criança, e esse mundo engloba inclusive a família e a escola.

Dessa forma, o letramento se inicia propondo uma incorporação funcional dos códigos existentes nos ambientes vivenciados pelas crianças, para que se auto reconheçam nesse mundo, e encontrem sentido e função no aprendizado da leitura e escrita, acrescentando a esse aprendizado prazer e curiosidade, transcendendo os tradicionais ritos de alfabetização que obscurecem a paixão por conhecer o mundo. "[...] um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita das quais as crianças têm oportunidade de participar" (RCNEI, 1998, p. 154).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GODOY, Elena; SENNA, Luiz Antonio Gomes Senna. *Psicolinguística e Letramento*. Editora IBPEX/ Curitiba, 2011.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 13-60.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.